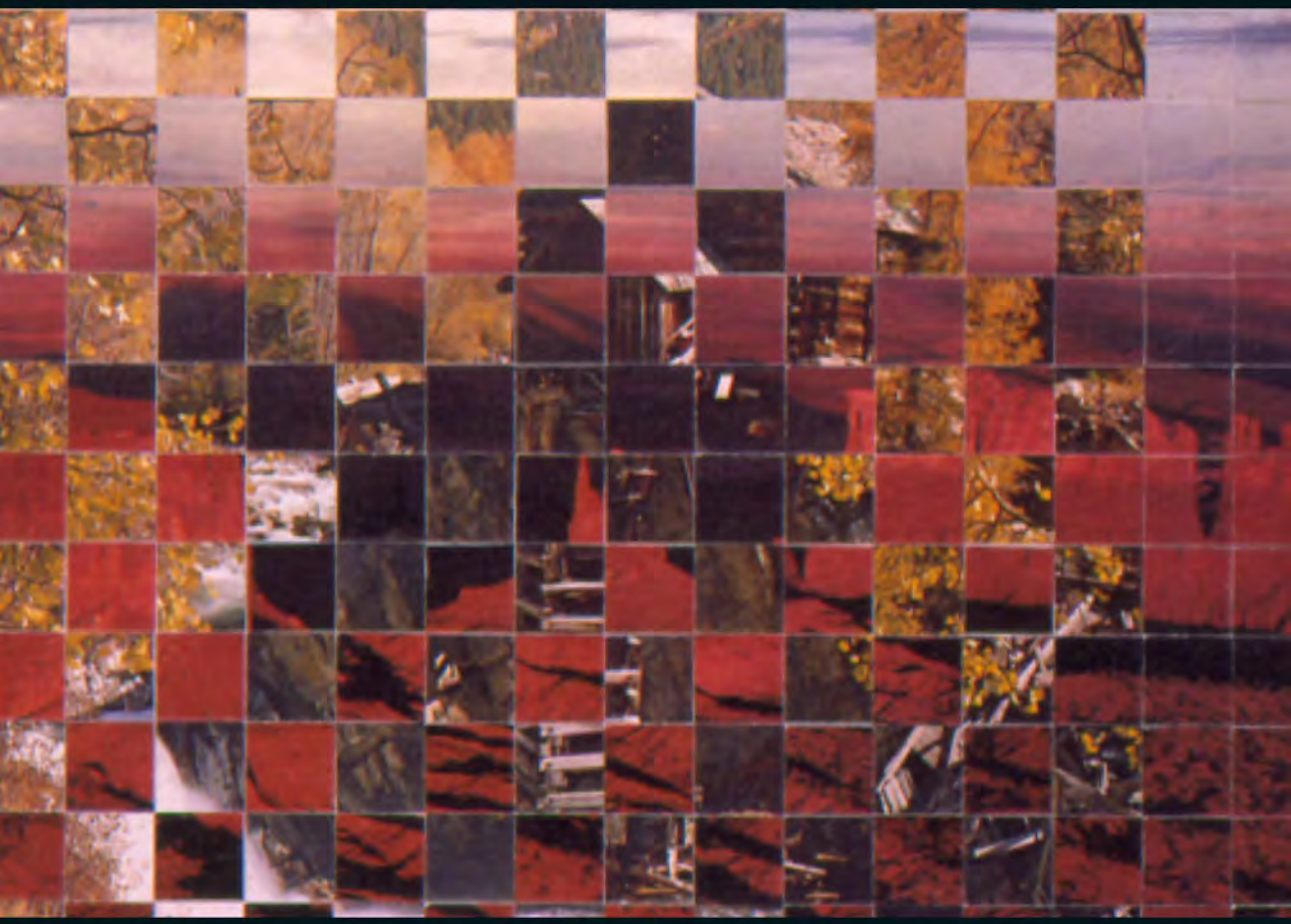
EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



TEXTOS DE IMPRENSA
II

(do *Distrito de Évora*)

IMPRENSA NACIONAL

Imprensa Nacional
é a marca editorial da INCM

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2019 Carlos Reis, Ana Teresa Peixinho e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Textos de Imprensa II
(do *Distrito de Évora*)

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: estudo da série «Paisagem: Re-construção», 1985,
da autoria de Eduardo Nery;
colagem sobre cartolina branca;
23,8 cm × 35,7 cm; coleção do autor.

Data de impressão: dezembro de 2019

ISBN: 978-972-27-2777-8

Depósito legal: 463 344/19

Edição n.º 1023339

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

* O Mistério da Estrada de Sintra
O Crime do Padre Amaro (1.ª versão)
* O Crime do Padre Amaro (2.ª e 3.ª versões)
O Primo Basílio
* O Mandarim
A Relíquia
* Os Maias
* Contos I

Semipóstumos e póstumos

* A Correspondência de Fradique Mendes
* A Ilustre Casa de Ramires
A Cidade e as Serras
* Contos II
Lendas de Santos
* A Capital!
O Conde de Abranhos
* Alves & C.ª
A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
* Textos de Imprensa I
* Textos de Imprensa II
Textos de Imprensa III
* Textos de Imprensa IV
* Textos de Imprensa V
* Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

* Cartas Públicas
Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

O Egito e Outros Relatos

VÁRIA

* Almanaques e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

Philidor
* As Minas de Salomão

* Volumes publicados

EVORA

DISTRICTO DE EVORA

B 1 LISBOA 67

1.º ANNO | DOMINGO 6 DE JANEIRO DE 1867 | NUMERO 1

A empreza d'este jornal, remette o seu primeiro numero a todas as pessoas, a quem julgou não ser indifferente um jornal, que indicasse as necessidades do Alemtejo, pugnasse pelo seu direito e accusasse energicamente os abusos que elle soffra: offerece assim o programma das suas idéas a todos os que quizerem unir-se a ellas, pela justiça e pela rasão.

Aquelles a quem o jornal for indifferente recenvial-o-hão á sua administração.

EVORA 6 DE JANEIRO

Em quanto pela triste força dos factos, pela influencia da [illegible], pela obediencia inerte dos espiritos, pelo [illegible] das consciencias, pelo amolecimento das almas, pelos predominantes interesses, pela força dos interesses pequenos, pelo afrouxamento dos sentimentos livres, pelo abatimento moral, pela fraqueza, pela indolencia, por tudo isto, os interesses d'este territorio foram desprezados, os desenvolvimentos impedidos, as livres consciencias [illegible], a acção aleijada, as administrações descuradas, todos os elementos fecundos suffocados, um jornal que procura representar o Direito, a Justiça, a Razão, o Principio, a Consciencia moral, não será por certo inutil.

Revista critica dos jornaes

O jornalismo, na sua justa e verdadeira attitude, seria a intervenção permanente do paiz na sua propria vida politica, moral, religiosa, litteraria e industrial.

Mas esta intervenção nos factos, nas idéas, para ser fecunda, elevada, para ter um caracter de utilidade publica, e largas vistas sociaes, deve ser preparada pela discussão, e pelo esclarecimento da direcção governativa, do estado geral dos espiritos, do vigor das consciencias, da situação publica, da virtude das leis.

E' o grande dever do jornalismo, fazer conhecer o estado das causas publicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar attento ás attitudes que toma a politica estrangeira, protestar com justa violencia contra os actos culposos, fracos, ou nocivos, velar pelo poder interior da patria, pela grandeza moral, intellectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espiritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da familia, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.

A actividade do jornalismo, nunca deve abrandar, a sua consciencia deve ter sempre o mesmo vigor, a sua penna o mesmo colorido, o seu sentimento moral a mesma justa intensidade.

O jornalismo não sabe que ha o abatimento moral, o cançaço, a folga, o repouso. De elle repousasse, quem velaria pelos que dormem? E' um aspero trabalhador infatigavel para quem não ha noute nem aurora: a lucta é terrivel: é necessario conservar uma consciencia intrepida, e uma energia poderosa, para desprezar as calumnias, para affrontar os odios e os despeitos, fazer face ás hostilidades viperinas e incessantes que os poderes promovem, luctar, trabalhar, ter as suas convicções puras e fórtes no meio do odio d'uns, do desdem dos outros, da indifferença, da apathia de todos.

E' necessario todos os dias fallar, discutir, convencer, ter a consciencia do impulso que nos leva, não ter escrupulo com as iniquidades suscitadas, revolver todas as causas, ou altas como uma reliquia sagrada, ou baixas como um monturo: quando os parlamentos estão abertos é necessario analysar os projectos, destruir os argumentos, esclarecer as discussões, combater os parciaes, fortificar os fracos e os indolentes, applaudir os valentes luctadores do ideal social e as justas consciencias individuaes: isto sempre, apesar das comoções pungentes que possam cortar a vida, dos tedios profundos e incuraveis que a possam esterilisar. Mesmo quando tudo está immobil, o espirito popular adormecido, as grandes individualidades silenciosas, os acontecimentos estereis, a vida monotonisada, é necessario cavar as proprias idéas, violentar a intelligencia, gastar, consumir a sensibilidade, fallando, discutindo, aconselhando, dirigindo.

Ha homens, ha trabalhadores de idéas, philosophos, que fazem o mesmo aspero trabalho incessante: mas esses teem a gloria, que é como um balsamo divino, derramado nos seus cansaços.

O jornalista não: trabalha, lucta, derrama idéas, systemas, philosophias sociaes e populares, estudos reflectidos, improvisações, defezas eloquentes, nobres attaques da palavra e da idéa: pois bem, tudo isso passa, morre, esquece; aquella folha delgada e leve, onde elle pôz o seu espirito, a sua idéa, a sua consciencia, a sua alma, perde-se, desapparece, some-se, sem esperanças de vida, de duração, de immortalidade, como uma folha de arvore ou como um trapo arremessado ao monturo.

E no meio d'esta lucta perpetua, d'estas inquietações da alma, d'estes esgotamentos da vida e da seiva moral, não lhe é permittida ao menos a espontaneidade do espirito, da idéa, das palavras. Tem de se conter: tem graves obrigações impostas pela consciencia propria, e por aquella posição onde é contemplado e vigiado. Nunca deve perder a attitude do bem, da justiça, da verdade, da opposição serena.

O elemento humano quasi que não entra n'aquella alma: nem a indignação, nem o odio, nem o desespero, nem a paixão, lhe são permittidos: o sentimento pessoal e intimo, não deve encher a sua palavra para que a não desvie: deve ter só um pensamento, o interesse publico, o ideal social. Paixões, inclinações, amisades, tendencias do coração, sympathias, tudo deve despir: deve ficar só com a rigidez da verdade e da justiça. Tem por fim fazer triumphar o bem: para isso escreve, publica e pensa; encontra n'esta tarefa amigos, inimigos, indifferentes: uns devem ser robustecidos na sua convicção, os outros feridos na sua opinião e combatidos no seu systema, convencidos e arrastados: os ultimos, os indifferentes, os egoistas devem ser aquecidos, instigados a pensarem no meio social.

Elle deve ter a consciencia de que está no territorio da razão e da justiça: assim as suas palavras resentir-se-hão da lealdade das suas crenças.

O jornalismo não deve ser sempre a expressão mais ou menos real das idéas recebidas: elle não é somente o archivo da opinião moderna: a repercussão d'uma impressão geral: elle, é o motor dos espiritos, descobre novas e fecundas relações sociaes entre os povos d'um mesmo continente; elle consagra e robustece a solidariedade moral que liga os homens, a fraternidade que os prende: o jornalismo ensina, professa, allumia sobretudo: é elle o grande construidor do futuro: não é só o facto d'hoje que o prende — isso é o menos: é o facto que o futuro contém: elle vae das relações presentes ás relações futuras, e mostra a revolução lenta, serena, immensa, pela qual a humanidade transforma e refaz o seu destino no sentido da justiça.

E' por isso que elle contradiz muitas vezes a opinião recebida: e com razão; nem sempre a grande massa tem a consciencia do bem, do direito e da sua verdadeira razão: é necessario que o jornalismo a esclareça, que a avise quando ella se transviar, que a sustenha, quando ella fôr a cahir.

Esta obra, este trabalho todo, immenso, pesado e vasto é difficil, e é impossivel, quando o homem não tenha as duas forças supremas, Razão e Justiça.

Tende-as, um dia sempre vem, em que o trabalho do jornal tem o seu fim. A idéa que elle derramou, infiltrou-se, passou, correu: esta infiltração lenta e obscura da verdade tem um momento em que se transforma em seiva, em que gira na grande seara dos homens, em que fecunda e apparece ao sol com os seus fructos sagrados.

Nenhuma idéa justa — como nenhuma semente — se perde; e todas ellas vão ter a sua repercussão na consciencia geral: essa repercussão mais cedo ou mais tarde transforma-se em facto.

As sociedades só caminham pelas estradas que se abrem e que lhe abrirão; nenhuma idéa está nos factos sociaes, que não estivesse primeiro nas consciencias individuaes: o mundo só realisa aquillo que conhece, discutiu e applaudiu: os habitos, as tradições, os prejuizos são tenazes: duraram muito, tiveram tempo de enraizar; prenderam as suas raizes como o musgo ás arvores: a ellas estão ligados interesses, proveitos, conveniencias: uns prejuizos são protegidos pelo orgulho, outros pelo luxo, outros pelo desleixo: mas não pódem subsistir e resistir á acção combinada da verdade, da justiça, e da liberdade, como um barco apodrecido não póde resistir á violencia alliada dos ventos, das chuvas e das marés. Que o jornalismo possa sempre dizer: *comigo estão a razão e a justiça!* E de feito, com estas forças, póde-se luctar, soffrer: por ellas póde o corpo ser martyrisado, a honra e a pureza calumniadas: pódem os homens d'alma, por uma triste perseguição, languescer na mediocridade e na sombra: póde o escriptor, andar roto, ter fome e sede, soffrer, chorar: porque ellas lhe dão uma cousa, que tudo isso compensa — a nobre serenidade da consciencia!

A empreza d'este jornal entendeu, que fazer n'uma secção especial a revista critica do jornalismo, estudal-o, examinal-o nas suas doutrinas, discutil-o nos seus resultados, era como que dar aos que lêem, uma consciencia justa do estado dos espiritos e da opinião n'este canto da terra.

POLITICA ESTRANGEIRA

A moderna epoca politica da Europa — [illegible] de velhas tradições e novas renascenças: ao lado de energicas defesas catholicas, de cruzadas papaes e clericaes, ha uma profunda critica philosophica, que rolaa as velhas superstições e legendas historicas: ao mesmo tempo que ha territorios violentados, conflictos tragicos d'exercitos, armamentos sinistros, um espirito de guerra acceso e actuante, o principio de conquista, de guerra e do heroismo ha aniquilado pela philosophia e pela historia. É uma epoca sem nome como a d'Apolo — Nem é o direito divino, nem o direito popular, nem he a politica monarchica da passividade, nem a idéa democratica com a sua anarchia individual e desaccumulada expansão das almas: nem he a politica em que os territorios hão de ter uma justa e fecunda [illegible]

LEITURAS MODERNAS

Alguns julgam um perigo terrivel este instincto luminoso e sagrado, que leva o mundo moderno, n'uma divina cruzada de conquistas do espirito.

Julgam que os factos do espirito, as criticas philosophicas, os trabalhos de reconstrucção do passado, as grandes explorações scientificas, toda a immensa creação da alma moderna, que até aqui estava na mão eleita de escolhidos e de poucos, nas universidades, no santuario das escolas, nas criptas academicas, quando passarem para o espirito, para a communhão da alma popular, hão de estreitar-se, desapparecer, esmorecer.

Mas não. O povo póde não ter a consciencia justa e precisa das transformações ideaes que levam á liberdade e á justiça: mas sente sempre uma justiça e uma luz [illegible] profundo: elle presente que as descobertas, as grandes e terriveis explorações no mundo espiritual, a creação das philosophias que o hão de educar, dos systemas que o hão de reformar, das litteraturas que o hão de elevar no sentimento e no bem, só podem ser creadas pelos espiritos serenos que meditam, que no silencio, no socego, nas relações puramente espirituaes, sabem decompor e explicar o mundo dos factos e das idéas.

Elle não quer ir com a sua mão rude revolver as litteraturas e as theorias.

O que elle não quer, é que as intelligencias verguem sob as influencias consagradas: não quer ver a alma inerte, a epoca esteril, como sob a lei absoluta e catholica: não quer a passividade dos espiritos e as imitações servis; não admitte o gosto official, como dogma intellectual. Não quer que a patronagem se estenda ás almas, não quer no theatro, no poema, no livro, no jornal ver pesadamente os falsos sentimentos, os generos encommendados as idéas que trazem a libré official.

Quer ver o livre espirito derramado pela litteratura, pela sciencia, pela arte, com espontaneidade e anarchia individual: quer que a sciencia possa livremente ensinar sem medo das fulminações catholicas; quer que o theatro se não prenda á imitação dos modelos, que não apresente a religião burgueza do interesse e do egoismo, que não consagre a paixão infame, a futilidade, os amores esteriais: quer que a poesia seja elevada, que profundamente corresponda á sua alta missão que é ser a vibração divina e luminosa da vida social; não quer a poesia individual, que conta as pequenas tristezas do poeta, as suas infelicidades domesticas, o seu pequeno interesse pessoal: não quer a litteratura ineular de falsos sentimentos, de forma amaneirada, banal, sem comprehensão da natureza, sem respeito da justiça, sem preoccupação da belleza.

O que elle quer é uma litteratura formosa, sã, ideal, uma nobre e profunda sciencia, uma alta, justa e honrada sciencia historica. É o que elle quer.

De facto as litteraturas officiaes são hoje impossiveis: os generos litterarios, os rithmos não pódem ser decretados como regulamentos administrativos.

A litteratura, a poesia, é o bello luxo da vida, a flor interior da alma; os verdadeiros talentos regeitam os patronatos da litteratura official: os mediocres, esses, seguem o mestre, estudam formas consagradas, vestem as tunicas classicas, decoram formulas, rithmos e medições.

Vê-se muito d'isso em Portugal; mas estes homens, teem na sua servilidade um castigo terrivel; são repellidos: o povo não os entende: não os conhece; vê-os passar com as lyras officiaes, com palmas na mão timidos e acanhados, e não tem para elles um olhar sympathico, um movimento affectuoso: o povo não lhes comprehende a lingua, não os acceita: é então que elles, os das litteraturas officiaes, se refugiam nos gremios, nos cenaculos, nas capellas litterarias: ahi adoram-se uns aos outros e constroem-se tristemente pedestaes: e um dia morrem esquecidos, abandonados, vendo o seu nome desconhecido, sem que os siga a admiração religiosa, que segue todos os homens fortes, que trabalharam pelo povo, pela justiça e pelo direito, quando sahem da vida para irem ao ceu dos fortes receberem o salario do seu dia. Os que não aceitaram os patronatos, as cadeiras curus, os arcebispados litterarios, que elevaram as almas, que disseram cousas novas e profundamente originaes á curiosidade popular, que consolaram, cujos livros foram como leitos mortuarios onde o povo adormecia as suas magoas, as suas tristezas, na esperança de melhor dia, esses não tiveram fortuna, não foram ricos, reluzentes, importantes nas cousas publicas, não entraram para as academias, não foram applaudidos nos [illegible], mas transformaram o espirito da multidão, ligaram o seu nome a uma obra fecunda e immorredoura, e deixaram de si uma memoria nobilissima, e cheia de luz. E em vida tiveram a felicidade divina das consciencias serenas e soberbas.

Estes foram os poetas livres. Quando morrem não vão para os Pantheons dourados e pomposos; ficam n'um canto de terra, debaixo d'uma pouca d'erva, mas teem um logar eterno nos corações dos povos e na memoria das raças.

São estes homens que faltam em Portugal. A sua fecunda acção é que era necessaria [illegible]

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Textos de Imprensa

Textos de Imprensa. II

(do *Distrito de Évora*)

Edição de
Ana Teresa Peixinho

Imprensa Nacional
2019

Nota prefacial

Uma das secções mais volumosas da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós é a que acolhe os textos de imprensa publicados pelo romancista ao longo da vida. Tal como acontecia com quase todos os escritores do seu tempo, também Eça deixou vasta colaboração espalhada por jornais e revistas; era essa uma forma não apenas de marcar presença no espaço público — nele, o «homem de letras» tinha uma voz autorizada — mas também de receber proventos que completavam aqueles que, nem sempre de forma regular, vinham da atividade literária propriamente dita.

A isto junta-se uma outra razão mais significativa, para explicar a prolixidade jornalística de Eça. Para o romancista, os textos de imprensa (e, em especial, as crónicas) funcionavam muitas vezes como um laboratório de escrita: observar a realidade e os seus tipos humanos, construir relatos, mesmo que de curta dimensão, ou esboçar personagens e enredos eram procedimentos de experimentação literária que faziam todo o sentido, numa época em que jornalismo e literatura se conjugavam harmoniosamente.

A experiência jornalística de Eça de Queirós no *Distrito de Évora* é um exemplo expressivo do que fica dito, mas não se limita a isso. Conforme pode ler-se na circunstanciada «Introdução» desta edição, está em causa, naquela experiência, uma verdadeira aventura pessoal, com importantes consequências formativas, que importa sublinhar: um jovem com menos de 22 anos, recém-formado e inexperiente, assume não apenas a escrita mas também a direção e a edição de um bissemanário, ao longo de sete meses. Fá-lo numa pequena cidade de província, afastada, por isso, dos centros de decisão política e de produção cultural, com todas as dificuldades que isso implicava para o jornalista de circunstância que assumira um tal encargo.

Por isso mesmo, estes textos não podem ser ignorados, sendo testemunhos ilustrativos do amadurecimento literário de quem viria

Sumário

Nota prefacial 11

INTRODUÇÃO 19

1. Eça e o jornalismo como ocupação 19
2. *Distrito de Évora*: sobriedade gráfica, diversidade de conteúdos 23
3. O *Distrito de Évora*: programa editorial e conteúdos 36
4. Do jornal à edição em livro 57

TEXTO CRÍTICO 81

Distrito de Évora, n.º 1, domingo, 6 de janeiro de 1867 83
Distrito de Évora, n.º 2, quinta-feira, 10 de janeiro de 1867 107
Distrito de Évora, n.º 3, domingo, 13 de janeiro de 1867 129
Distrito de Évora, n.º 4, quinta-feira, 17 de janeiro de 1867 151
Distrito de Évora, n.º 5, domingo, 20 de janeiro de 1867 167
Distrito de Évora, n.º 6, quinta-feira, 24 de janeiro de 1867 187
Distrito de Évora, n.º 7, domingo, 27 de janeiro de 1867 205
Distrito de Évora, n.º 8, quinta-feira, 31 de janeiro de 1867 219
Distrito de Évora, n.º 9, quinta-feira, 7 de fevereiro de 1867 239
Distrito de Évora, n.º 10, domingo, 10 de fevereiro de 1867 253
Distrito de Évora, n.º 11, quinta-feira, 14 de fevereiro de 1867 275
Distrito de Évora, n.º 12, domingo, 17 de fevereiro de 1867 293
Distrito de Évora, n.º 13, quinta-feira, 21 de fevereiro de 1867 315
Distrito de Évora, n.º 14, domingo, 24 de fevereiro de 1867 327
Distrito de Évora, n.º 15, quinta-feira, 28 de fevereiro de 1867 339
Distrito de Évora, n.º 16, domingo, 3 de março de 1867 355
Distrito de Évora, n.º 17, quinta-feira, 7 de março de 1867 375
Distrito de Évora, n.º 18, domingo, 10 de março de 1867 389

Distrito de Évora, n.º 19, quinta-feira, 14 de março de 1867 405
Distrito de Évora, n.º 20, domingo, 17 de março de 1867 421
Distrito de Évora, n.º 21, quinta-feira, 21 de março de 1867 439
Distrito de Évora, n.º 22, domingo, 24 de março de 1867 455
Distrito de Évora, n.º 23, quinta-feira, 28 de março de 1867 461
Distrito de Évora, n.º 24, domingo, 31 de março de 1867 471
Distrito de Évora, n.º 25, quinta-feira, 4 de abril de 1867 477
Distrito de Évora, n.º 26, domingo, 7 de abril de 1867 485
Distrito de Évora, n.º 27, quinta-feira, 11 de abril de 1867 495
Distrito de Évora, n.º 28, domingo, 14 de abril de 1867 505
Distrito de Évora, n.º 29, quinta-feira, 18 de abril de 1867 519
Distrito de Évora, n.º 30, domingo, 21 de abril de 1867 533
Distrito de Évora, n.º 31, quinta-feira, 25 de abril de 1867 541
Distrito de Évora, n.º 32, domingo, 28 de abril de 1867 555
Distrito de Évora, n.º 33, quinta-feira, 2 de maio de 1867 567
Distrito de Évora, n.º 34, domingo, 5 de maio de 1867 583
Distrito de Évora, n.º 35, quinta-feira, 9 de maio de 1867 595
Distrito de Évora, n.º 36, domingo, 12 de maio de 1867 613
Distrito de Évora, n.º 37, quinta-feira, 16 de maio de 1867 621
Distrito de Évora, n.º 38, domingo, 19 de maio de 1867 631
Distrito de Évora, n.º 39, quinta-feira, 23 de maio de 1867 645
Distrito de Évora, n.º 40, domingo, 26 de maio de 1867 663
Distrito de Évora, n.º 41, quinta-feira, 30 de maio de 1867 677
Distrito de Évora, n.º 42, domingo, 2 de junho de 1867 693
Distrito de Évora, n.º 43, quinta-feira, 6 de junho de 1867 707
Distrito de Évora, n.º 44, domingo, 9 de junho de 1867 721
Distrito de Évora, n.º 45, quinta-feira, 13 de junho de 1867 739
Distrito de Évora, n.º 46, domingo, 16 de junho de 1867 753
Distrito de Évora, n.º 47, quinta-feira, 20 de junho de 1867 767
Distrito de Évora, n.º 48, domingo, 23 de junho de 1867 775
Distrito de Évora, n.º 49, quinta-feira, 27 de junho de 1867 785
Distrito de Évora, n.º 50, domingo, 30 de junho de 1867 795
Distrito de Évora, n.º 51, quinta-feira, 4 de julho de 1867 805
Distrito de Évora, n.º 52, domingo, 7 de julho de 1867 819
Distrito de Évora, n.º 53, quinta-feira, 11 de julho de 1867 837
Distrito de Évora, n.º 54, domingo, 14 de julho de 1867 849
Distrito de Évora, n.º 55, quinta-feira, 18 de julho de 1867 863
Distrito de Évora, n.º 56, domingo, 21 de julho de 1867 869
Distrito de Évora, n.º 57, quinta-feira, 25 de julho de 1867 877
Distrito de Évora, n.º 58, domingo, 28 de julho de 1867 891

APÊNDICES 897

Apêndice I: Traduções no *Distrito de Évora* 899

Tradução de *Voyage en Italie* [*Viagem a Itália*] de H. Taine 901
Tradução de *Les Odeurs de Paris* [*Os Cheiros de Paris*] de Louis Veuillot 923
A carta do conde de Chambord 939
Tradução de duas cartas de Victor Hugo 945
Outras traduções 951

Apêndice II: Conto 961
Apêndice III: Poema «Pepa» de Antero de Quental 967

Notas biobibliográficas 985

INTRODUÇÃO

1. Eça e o jornalismo como ocupação

Em janeiro de 1867, recém-bacharel em leis, ainda sem ocupação definida, Eça de Queirós é convidado [1] a dirigir o jornal oposicionista *Distrito de Évora*, atividade que o mantém durante sete meses nessa cidade do Alentejo:

> Em dezembro de 1866, Gaspar de Azevedo assinou com Eça uma escritura, nos termos da qual este era contratado para, a partir de 1 de janeiro de 1867, ir viver para Évora e ali redigir o novo periódico de oposição — o *Distrito de Évora* — a troco de uma remuneração, e com liberdade para exercer, querendo, advocacia. [2] [Sardica, 2005: 149.]

[1] O convite terá partido de um amigo do pai de Eça de Queirós: José Maria Eugénio de Almeida (abastado proprietário agrícola da região e opositor ao governo de fusão de Joaquim António de Aguiar), que era diretamente afetado pelas medidas fiscais da tutela, nomeadamente pelo imposto do consumo e pela contribuição predial. Interessava-lhe, assim, ter um modo eficaz de combate político: o jornalismo era esse instrumento (Sardica, 2005).

[2] É precisamente o *Distrito de Évora* a dar notícia da única experiência de advocacia de Eça em Évora, tendo defendido André Maria Villalobos num processo judicial (*Distrito de Évora*, n.º 23, de 28 de março): «Teve lugar no dia 26 do corrente o julgamento da polícia correcional movido pelo Sr. Jacinto Torres contra o Sr. André Maria Ferreira Villalobos, por um artigo escrito acerca do aforamento da herdade do Sobral, da Casa-Pia de Évora […]. Foi

DISTRITO DE ÉVORA

DOMINGO, 6 DE JANEIRO DE 1867 **N.º 1**

A empresa deste jornal remete o seu primeiro número a todas as pessoas a quem julgou não ser indiferente um jornal, que indicasse as necessidades do Alentejo, pugnasse pelo seu direito e acusasse energicamente os abusos que ele sofra: oferece assim o programa das suas ideias a todos os que quiserem unir-se a elas, pela justiça e pela razão.

Aqueles a quem o jornal for indiferente reenviá-lo-ão à sua administração.

ÉVORA 5 DE JANEIRO

Enquanto pela triste força dos factos, pela influência da tradição, pela obediência inerte dos espíritos, pelo adormecimento das consciências, pelo amedrontamento das almas, pelas predominâncias estéreis, pela força dos interesses pequenos, pelo afrouxamento dos sentimentos livres, pelo abaixamento moral, pela fraqueza, pela indolência, por tudo isto, os interesses deste território forem desprezados, os desenvolvimentos impedidos, as livres consciências esmagadas, a ação abafada, as administrações descuradas, todos os elementos fecundos sufocados, um jornal que procure representar o Direito, a Justiça, a Razão, o Princípio, a Consciência moral, não será por certo inútil.

DISTRITO DE ÉVORA

QUINTA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 1867 **N.º 2**

ÉVORA, 9 DE JANEIRO

Há no mundo uma raça de homens, com instintos sagrados e luminosos, com divinas bondades do coração, com uma inteligência serena e lúcida, com dedicações profundas, cheias de amor pelo trabalho, e de adoração pelo bem, que sofrem, que se lamentam em vão.

Estes homens são o povo.

Estes homens, sob o peso do calor e do sol, transidos pelas chuvas, roídos do frio, descalços, mal nutridos, lavram a terra, revolvem-na, semeiam-na, gastam a sua vida, a sua força, para criar o pão, o alimento de todos.

Estes são o povo, e são os que nos alimentam.

Estes homens vivem nas fábricas, pálidos, doentes, sem família, sem doces noites, sem um olhar amigo que os console, sem ter o repouso do corpo e a expansão da alma, e fabricam o linho, o pano, a seda, os estofos. Estes homens são o povo, e são os que nos vestem.

Estes homens vivem debaixo das minas, sem o sol e as doçuras consoladoras da natureza, respirando mal, comendo pouco, sempre na véspera da morte, rotos, sujos, curvados, e extraem o metal, o minério, o cobre, o ferro, e toda a matéria das indústrias.

Estes homens são o povo, e são os que nos enriquecem.

Estes homens, nos tempos de lutas e de crises, tomam as velhas armas da pátria, e vão, dormindo mal, com marchas terríveis, à neve, à chuva, ao frio, nos calores pesados, combater e

DISTRITO DE ÉVORA

DOMINGO, 13 DE JANEIRO DE 1867 **N.º 3**

ÉVORA 12 DE JANEIRO

Hoje o povo está indolente, indiferente, adormecido. Nada o abala: deixa-se levar sem querer saber a cor da onda que o leva: tem a inteligência esterilizada, tem o coração arrefecido, tem a consciência entorpecida, tem as mãos afrouxadas. A tradição não o comove, as esperanças não o sobressaltam. Duvida. A dúvida amolece, dissolve os poderes da alma. Ele não vê, não ouve, e não sente. Tem para os movimentos do mundo oficial um olhar frio; para o som dos sistemas, das questões, das ideias que se embatem, um ouvido ensurdecido: vai levado sem curiosidade, sem oposição.

Move-se lentamente no seu torrão fecundo e úbere, debaixo do sol fortificador, entre uma bela natureza, trabalhando um pouco, olhando às vezes, não pensando nunca. Vê fazer e desfazer governos com uma despreocupação soberba: quando morre alguém que o afagava, chora dolorosamente. Dedica-se raras vezes, mas tem a caridade do instinto, e a bondade dos simples. As feições deste tempo, não as tem: não tem a indignação, o entusiasmo, a ira, a atividade, o desprezo; tem só a indiferença. Vê oscilar as instituições tão desprendidamente como se só visse bulir as folhas das árvores.

Poderá conhecer por tradição o zumbido das balas, mas não conhece decerto o murmúrio das ideias. Este povo, assim, é o verdadeiro deserto de homens. Os seus direitos podem ser violados, as suas garantias cerceadas, a sua liberdade assassinada; eu não sei se ele levantará a cabeça do seu trabalho para suspirar sequer.

APÊNDICE I

TRADUÇÕES NO *DISTRITO DE ÉVORA*

TRADUÇÃO DE *VOYAGE EN ITALIE* [*VIAGEM A ITÁLIA*] DE H. TAINE

PUBLICADA EM «LEITURAS MODERNAS»

N.º 2, 10 de janeiro

Damos hoje umas páginas do livro de H. Taine *Voyage en Italie*. Este livro, duma profundíssima crítica artística, dum forte colorido, duma perfeita análise social, foi como que uma revelação da Itália, do génio das suas artes, da sua existência e luta política, do seu espírito sereno e plástico, do seu clima, da sua alma elevada e luminosa. Cremos que será lida com interesse a vida, a paisagem, a imagem desta Itália que tanto tem sofrido, tão bela e tão desolada, dilacerada pelas revoluções, angustiada pelas tiranias, que hoje, enfim, está na véspera da liberdade, e da unidade.

Em Nápoles, 20 de fevereiro.

Isto é outro clima, outro céu, quási outro mundo. Esta manhã, ao aproximarmo-nos do porto, quando o espaço se alargou, e o horizonte se descobria, não vi de repente senão brancuras e esplendores.

Ao longe, sob a bruma que coloria o mar, as montanhas superpostas estendiam-se luminosas e acetinadas como nuvens. O mar adiantava-se com grandes ondas brancas, e o sol, derramando o seu rio de chamas, fazia até à praia como um rasto de metal derretido.

2: [Taine, H. (1874), *Voyage en Italie*, 2ème édition, Paris, Librairie Hachette.]
18: [Não há parágrafo no original de Taine.]
19: [coloria: no texto original de Taine lê-se «couvrait».]

TRADUÇÃO DE DUAS CARTAS DE VICTOR HUGO

N.º 49, 27 de junho

«Vai levantar-se a forca; primeiro será executado o General Burke; em seguida o Capitão Mac-Afferty e o Capitão Mac-Clure; depois mais três, Kelly, Joyce e Cullimane.

Não há um instante a perder. Mulheres, donzelas, recorrem a vós. Chegar-vos-á a tempo a minha carta?»

Lemos e não acreditamos isto. Dizem-nos: apresta-se o cadafalso. Nós respondemos: não é possível. Caleraft não tem que ver com a política. Demais é já que exista a par dele. Não, não são possíveis em Inglaterra as execuções políticas. Não foi para imitar os patíbulos da Hungria que a Inglaterra aclamou Kossuth; não foi para recomeçar as forcas da Sicília que a Inglaterra glorificou Garibaldi. Que significariam os vivas clamorosos de Londres e Southampton? Suprimi então todas as vossas juntas de socorro polacas, gregas, italianas, sede a Espanha.

Não, a Inglaterra, em 1867, não executará a Irlanda. Essa Isabel não decapitará essa Maria Stuart.

O século dezanove existe.

Enforcar Burke. Impossível! Querereis copiar Talaferro matando John Brown, Chacón matando López, Geffrard matando o jovem Delorme, Fernando matando Risacane?

Quê! Depois da revolução inglesa! Depois da revolução francesa! Na grande e luminosa época em que estamos! Então há quarenta anos que se não tem dito, que se não tem escrito, que se não tem pensado, que se não tem proclamado nem feito nada!

Eça de Queirós (1845-1900)

1845 25 de novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de dezembro: é batizado em Vila do Conde.

1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na *Gazeta de Portugal* (Lisboa).

1867 Diretor do *Distrito de Évora*. Retoma a colaboração na *Gazeta de Portugal*.

1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes. Viagem ao Egito e à Palestina.

1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra* (em coautoria com Ramalho Ortigão) e de «A morte de Jesus» (n'*A Revolução de Setembro)*, relato que ficou incompleto.

1871 Início da publicação d'*As Farpas* (em coautoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (junho), com uma intervenção provavelmente intitulada «A literatura nova (o realismo como nova expressão da arte)».

1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas espanholas (Cuba).

1874 Publica o conto «Singularidades de uma rapariga loura», no *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1873*. Parte para Newcastle (dezembro).

1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.ª versão) na *Revista Ocidental* (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.

1876 Publica a segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*.

1877 Concebe e comunica ao editor o projeto das «Cenas da vida real», depois designadas «Cenas da vida portuguesa» e «Cenas portuguesas». Publica a carta a Pinheiro Chagas, no *Diário da Manhã*.

Uma das secções mais volumosas da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós é a que acolhe os textos de imprensa publicados pelo romancista ao longo da vida. Tal como acontecia com quase todos os escritores do seu tempo, também Eça deixou vasta colaboração espalhada por jornais e por revistas; era essa uma forma não apenas de marcar presença no espaço público — nele, o «homem de letras» tinha uma voz autorizada — mas também de receber proventos que completavam aqueles que, nem sempre de forma regular, vinham da atividade literária propriamente dita.

A presente edição crítica retoma e procura completar o trabalho de recuperação de um acervo jornalístico aqui enquadrado pelos componentes que usualmente estruturam estas edições. Assim, além da extensa introdução preparada por Ana Teresa Peixinho, encontram-se neste volume três apêndices e notas biobibliográficas.

Ao que fica dito acrescento que a responsável por esta edição é professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e uma estudiosa com obra reconhecida, tanto no campo dos estudos queirosianos, como no dos estudos de imprensa.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

ISBN 978-972-27-2777-8

9 789722 727778